

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes
empreendimentos
no Baixo Tocantins.

8



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



Participantes da oficina de mapeamento em frente a igreja Santo Antonio, setor Caiana. Setembro de 2016.

CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

Equipe de Pesquisa

Dadberto Azevedo, Damião Rodrigues, Eliana Teles, Elias Costa Monteiro, Ewerton S. Cavalcante, Gracilene Ferreira Pantoja, Jairo Oliveira Rosa, Joelson Balieiro Leal, Josenildo Costa da Silva, Lina Glauca D. Elias, Lucivaldo Junior, Rafael de Jesus C. Quaresma, Renato Carvalho, Simone do Socorro A. Santos, Thiago Alan Guedes Sabino, Lorena Pinheiro da Cruz.

Edição: Eliana Teles, Marinês de Maria Rodrigues

Fotografia: Gracilene Pantoja, Rafael Quaresma, Thiago Alan Guedes Sabino

Cartografia: Thiago Alan Guedes Sabino

Transcrição: Joelson Balieiro Leal, Gracilene F. Pantoja, Eliana Teles

Apoio: Associação Agroextrativista PAE Santo Antônio II Comunidade Eclesial de Base-CEB Santo Antônio Escola Municipal Padre Pio

SDT e CNPq, no âmbito do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) do Território do Baixo Tocantins-PA.

Projeto Gráfico: Philippe Teixeira.

Participantes: Amir Pereira Azevedo, Antônio Nazaré Azevedo da Costa, Carmen Rodrigues, Dadiberto Azevedo, Damião Rodrigues, Danrley Ferreira, Domingos T. de Assunção, Elias Costa Monteiro,

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências - Ribeirinhos da Ilha do Capim: frente aos grandes empreendimentos do Baixo Tocantins - N. 8. Coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Cynthia de Carvalho Martins. - Manaus: UEA Edições, 2017.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN: 2525-9598

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Ribeirinhos - Tocantins. I. Título.

CDU: 528.9:912

Enedina Rosa Vasconcelos, Ewerton Cavalcante, Gisele Ferreira Santos, Gracilene Pantoja, Jairo Oliveira Rosa, Januário Soares Monteiro, Joelson Balieiro Leal, Josenildo Costa da Silva, Lorena Pinheiro, Lauriana Azevedo, Letícia Azevedo, Lucivaldo Júnior, Maria do Carmo Assunção Rodrigues, Maria de Nazaré, Maria das Graças Ribeiro Neves, Rafael Quaresma, Renato Carvalho, Simone Santos, Suely Solano Azevedo. **As crianças:** Alex, Adriano, e Jhenyfer Santos, Marinilce Vasconcelos, Pedro Henrique Rodrigues

REALIZAÇÃO: Associação Extrativista Projeto AgroExtrativista-PAE Santo Antônio II, Abaetetuba, PA

Presidente: Domingos T. Assunção Vice. José de Jesus P. Rodrigues Secretário: Daniel Marques Pedroso; Tesoureira: Enedina Rosa da Costa Vasconcelos

Vice: Deusa Maria P. Azevedo; Conselho fiscal: Manoel dos Santos Costa Pereira, José Ailson Rodrigues dos Santos, Manoel Nazareno Costa Pereira, Leiliane Assunção Azevedo, Manoel Arledison Azevedo Costa

“E a história é assim”

|| A história aqui já não é como era antigamente quando a gente chegou aqui, que éramos criança, era muito diferente, a gente morava ali na ilha do Marajó, meus irmãos já eram maior, mas eu era criança ainda. Lá perto do Malato a gente morava, acima do Malato um pouco. Naquela época a gente veio pra cá, naquele tempo era muito bom, tinha muita caça na Ilha do Capim, muito peixe, muito camarão, com o tempo determinado hoje já não é mais como era naquela época, por acontecer essa história que aconteceu pra nós aqui. Começou por esse navio no fundo ali, que segundo a pesquisa isso acabou nosso peixe, nosso camarão aqui, não tivemos mais safra, nem de peixe, nem de camarão, camarão pra nós acabou que a gente quando arranja pega aquele pouquinho. E pra acabar de inteirar aparece essa história das balsas, que foram colocada aqui no Capim, que eu não sei dizer até quantos anos já faz que essas balsas tão sendo colocado ai. Em alguns anos atrás aqui eu acho até o ano de 2014, 2015, o que acontecia: eles traziam esse tal de caulim, desembarcavam lá na Albras e quando chegavam aqui na boca do furo, às vezes, varando aqui o furo eles jogavam esse caulim aqui na água. Por muitas vezes eles jogaram esse caulim aqui na água, aquele material branco sabe? E aquilo consta que é um veneno. Envenenou a água e a gente perdeu com isso o nosso camarão. E através desse envenenamento, ele começou trazer um problema na nossa água aqui, que hoje quem não tem poço é obrigado ir tirar a água lá no lugar do outro, no poço do outro, porque ficou, dentro dessa costa aqui. Observe que nós mora num lugar que é terra alta mas, se o senhor for chegar aqui na beira do Quebra Pote, ai pra baixo tudo é *beijo* de várzea e não tem como cavar um poço.”

Januário Soares Monteiro

|| A nossa realidade aqui, nós trabalhamos muito com açaí e pesca, mas por enquanto a pesca tá escassa. De primeiro a gente ia pescar, a gente pegava quantidade de peixe, hoje já nem tem mais certas qualidades de peixe no nosso furo, na nossa baía. O camarão também, que a gente pegava grande quantidade, hoje também já é escasso, tem vez que a gente coloca, pega, tem vez que a gente pega dois, três num matapi,

então essa a nossa realidade né. De primeiro nós tinha com abundancia, hoje nós já tem pouco, por causa dessas empresas né. Depois que essas empresas se instalaram ai no nosso meio, muitas coisas já foram se acabando, eu por exemplo, conheço a mais de seis qualidades de peixe que hoje nós **já não temos aqui**, que nós tinha antes. Que eu me lembro é o peixe *facão*, o *peixe galinha*, o *mandubé-açú*, *piracatinga*, *caratipioca*. É bem difícil a gente encontrar, o *arirí* também. Então, são vários peixes! Tem outros que a gente pegava com abundância que já tem escasso, bem difícil a gente encontrar, é a pescada.”

Enedina Rosa Vasconcelos



Casa de utensílios de pesca na ilha do Capim.



Pari, utensilio de pesca para captura de peixes.

|| Antes já foi feita uma roça grande aqui em terra e a gente não chegou a comer da roça, porque apodreceu inteirinha, faz uns três anos. (...) Eram oito tarefas, era muito grande, dava pena de ver, a gente ia lá puxava as batatas enormes, abria e tava todinho podre dentro. Essa foi a primeira vez durante fazer roça que aconteceu isso. Ele

não sabe o que foi o problema, isso ninguém sabe. Chuva não foi, porque lá não alaga, lá é terra firme. (...) Depois daí nós não plantamos mais, só açaí.

Orlanda dos Reis Martins

A temperatura, aquele clima que nós tinha, até a friagem né, eu falo pra mulher que de primeiro nós tinha que dormir embrulhado, eu, desde moleque, sempre dormia enrolado na rede igual macaco, me enrolava bem empençado por causa do frio e hoje pra dormir tem que ser com a janela aberta. O sol, eu ficava o dia inteiro quando tinha 17 anos de idade, pescando aí sem camisa, sem chapéu porque não tava aquela temperatura que está hoje, e hoje, a gente vê aqui, embarca aqui e meia hora de tempo a gente endoia, se desespera pra pular na água.”

Domingos Teles de Assunção



Praia do Macau.



Praia do farol, na parte norte da ilha, setembro de 2016.

(...) daqui da ponta da Ilha pra lá pra baixo, nós temos o *baixo do Macau*, lá é só areia mesmo, as duas correnteza fazem com que areia fique alta lá e cada vez mais tá crescendo. O vovô contava que quando foi um navio pro fundo aí, era meio fundo ainda, e esse navio ficou parecendo só os mastro, depois de uns 40 anos para frente, a praia, quando a maré seca bem, ela já descobre assim um pouco o Macau, a *praia do Macau*, porque o nome do navio era Macau. De lá para cá tinha Ilha do Cururu que era mato alto assim, pau grande, mas com a exploração da pedra, ela foi se danificando, foi caindo as árvores, paus grande como mututi, siriúba, jarana. Hoje se você olha lá...!”

Manoel José Pereira Azevedo

A chegada da escola

No início assim, o estudo, a educação antigamente era boa por um lado, mas era muito precária a situação. Eu aprendi só com a família mesmo, eu não estudei nada, estudei um ano e seis meses e a professora foi embora. E na época nós passamos 16 anos sem escola aqui e quando chegou um professor para cá, o primeiro que veio morreu afogado. Não tinha merenda na escola. Nós levava o nosso camarão frito e o açaí azedo, e quando vinha fazia uma merenda no meio da estrada. A escola era lá na Ponta da Ilha da Madalena. (...) Um dia eu invocado falei pro prefeito - nesse tempo era o governo do Luiz Lopes - ‘antes nós pertencesse a Barcarena, porque vocês cada vez mais querem empurrar a ilha do Capim para fora, mais pra lá pra baixo’. Empurrar no descaso né, porque você tem alguma coisa e coloca no desprezo, é melhor que vocês não tenham. Não fosse nós aqui, a organização do povo, não tinha nada, as coisas que conseguem para cá é assim brigando. O secretário de educação queria mover uma ação contra nós no Mistério Público porque nós paralisamos uma escola, que a gente pensa em ter coisas melhores pro nosso povo. Aí mandaram nos chamar e ele falou que era um crime nós fazer isso porque as crianças necessitavam, aí falei para ele ‘do jeito que é assim não pode ficar, pode mover, porque nós fizemos por uma boa causa’, pode ir lá, nós vamos responder’. Já tínhamos no Ministério Público, um papel citando, porque já estava na delegacia, no Conselho Tutelar, na Paróquia das

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

ilhas que nos representa também. Porque tinha sido dividido aquele barracão com compensado. Criança de 5 anos que estava na alfabetização e eles não passavam de jeito nenhum. Fizemos uma grande confusão. Eles: 'então embora pro Capim conversar lá'. Aí viemos, mostramos aqui, mostramos pra eles. 'E agora vocês vão liberar para fazer a aula?' 'Não, nós só vamos liberar para ter aula aqui a partir que cair o primeiro tijolo na terra'. Aí começou a construção do colégio. Na outra semana começou a chegar tijolo, trabalhador e tudo. E o colégio tá lá: serve pra preto, pra branco amarelo, pra todo tipo de gente aqui.

Manoel José Pereira Azevedo



Escola de regime multisseriada no igarapé Caratateua



Escola Padre Pio, atende alunos do Ensino Fundamental e do Sistema de Organização Modular de Ensino-SOME

A chegada dos grandes empreendimentos e os impactos socioambientais

De oitenta, mil novecentos e oitenta pra cá, com essas empresas, Albras, Alunorte, Rio Capim se instalaram aqui defronte, aí começou tipo assim a perseguição dos pescadores né, porque de lá pra cá a gente começou a perceber o fugimento dos peixe, quer dizer, a falta do camarão, a falta de vários peixe que sumiram, ficaram em extinção: o *ituí*, por exemplo, *barba chata*, que é o *peranderá*, que a gente chama, o *peixe galinha* e outros. Mas até ai os pescadores estavam sobrevivendo, agora eu acho, com o cerco dessas grandes empresas desse novo complexo ai que tão formando né, eu acho que o pescador ficou mais cercado, porque nem só na parte de baixo como na parte de cima, por exemplo, onde está se instalando essas empresas e principalmente nos pesqueiros aonde os pescadores vão buscar a alimentação e seu sustento, que nem só é consumido na família, mas também é feito a venda do sustento da família. Então através dessas grandes balsas e empurradores, pinos colocados no meio do rio, ou seja, essas boia né, que tiraram a possibilidade dos pescadores trabalharem. Por exemplo, naquela área que tá aquelas balsas, seria dentro desse furo ai, seria a melhor área pros pescadores

atuarem, e eles não podem mais ir lá, porque o fato de você pescar com linha de mão, ou espinhel ou uma rede na frente duma balsa dessa, tá correndo risco de vida, é perigo passar na frente de um contêiner desse tão grande, duma balsa dessa tão grande.”

Arminho Soares Azevedo

|| Eles queriam dar 800 mil reais, 500, 600 metros o máximo, aí vinham iludir as pessoa dizendo que iriam mudar de vida. Eles iriam fazer um trabalho iam gastar muito pra, pra fazer algum serviço aí, e tiravam fotografia e ah andavam com pessoal nas lanchas. E chegou um determinado tempo eles começaram, era empresa daqui do complexo Albras, Alunorte, não sei dizer precisamente o nome, mas nós temos todas essa empresas em documento que foram chamada pelo doutor Felício, lá em Belém, só audiência pública já fizemos duas aqui na ilha com o Felício Pontes.

Amir Pereira Azevedo

|| Nós estamos encurralados com esses grandes projetos, que ele dizem que é o progresso que tá chegando que vai beneficiar todo mundo. Não vai beneficiar não, porque o pescador, nós, somos doutores da nossa profissão, mas é do outro lado. Se a gente cair num bairro de uma cidade, numa favela de uma cidade, nós somos bandidos porque ninguém sabe fazer nada né, e aí vai os nossos filhos usar droga, que não tem o que fazer né, e o que é que a gente vai fazer? morrer né, porque nós não sabemos fazer outra coisa, nós somos doutores aqui mas lá nós somos mártires da sociedade!! Esses são problemas que eu vejo assim seríssimos dos nossos pescadores, nós estamos nesse momento encurralados.

Arminho Soares Azevedo

|| O povo daqui, antes, vivia da pesca no nosso próprio furo, do nosso açaí, que de primeiro não secava. Hoje em dia, a nossa realidade é que o açaí tá parau, ele assim vai paroando, vai secando. Até a folha do açaizeiro já seca, o capote tá verde, mas a folha tá seca. Então desde que essas empresas se instalaram aí, essas coisas começaram a acontecer pra nós: doenças como coceira, diarreia, queda de cabelo, falta de vista. Inclusive já tem muita criança que já usa óculos e

de primeiro a gente não via isso no meio de nós. Mas mesmo assim com todas essas dificuldades, eu sou feliz de morar aqui, não pretendo morar em outro lugar, a não ser quando eu morrer ou se tenha uma necessidade que eu tenha que sair, mas por enquanto, eu sou feliz de morar aqui. Já não é como era, mas ainda é o nosso paraíso. Apesar de que hoje nós já temos caso de piratagem, a gente já vê casos de drogas, mas aqui é aonde ainda é mais sossegado, aonde a gente ainda respira um ar puro. Hoje já não podemos utilizar a água do rio, porque se você toma banho com a água do rio, você **já sente coceira, então pra nós é uma realidade que mudou muito!**”

Enedina Rosa Vasconcelos

|| As águas do rio, você percebe que hoje elas tão bem barrenta, diferente das outras aqui.”

Gisele Ferreira dos Santos

|| O peixe que nós pegava em dois dia de pesca, hoje nós gasta uma semana, talvez mais, pra poder a quantia pra compensar de dois dia, e aí o que a gente trabalha, a gente faz, a gente trabalha com açaí, trabalha com roça, trabalha com matapi tem que de cada um, a pessoa pegar um pouquinho, por que se ficar só direto, só com o espinhel não dá pra sobreviver mais. (...) De uns anos pra cá, depois que essas fabricas foram implantadas aqui, mudou muito! Lá onde eu moro, depois que este navio foi pro fundo aí, quando a agua quebra, aí ela fica calma no igarapé, quando tá perto da reponta assim, rapaz você gosta de vê: aquele óleo começa a buiá, começa coalhar a água [...] na maré grande, assim no começo né, ela corre muito, aí não vê, mas quando a água quebra a pressão volta. (...) Esse pincho na beira né, é justamente quando eles fazem essa lavagem no cater do motor. Esse pincho é o óleo do cater dele, e esse filó ele é um óleo que ele senta ele não buia, ele vai pelo fundo. Aí vai se misturando no meio da lama, vai contaminando os peixe, o fundo, a água. Isso aqui quando eles fazem isso aí (a lavagem das balsas), essa nossa região aqui é banhada tudinho. Eu quero que você veja como fica as beirada todinho, se você for andar, pisar naquilo é aquele pincho mesmo, que segura no pé e pega as beirada aí todinho, fica horrível!”

Francisco Marques da Costa

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

Porque este navio provocou no meio Ambiente, uma forma de prejudicar mesmo. Porque quando ele sentou ai, eles pegaram a muíña cerrada e jogavam em cima daquele óleo filoí né, aquele óleo que tem tipo um pincho. E aquilo sentava, aquela muíña sentava com todo aquele óleo. Este óleo ele é um óleo que não se destrói tão fácil, porque ele pode ficar aterrado na areia ou em qualquer lugar mas ele descobre e fica soltando aquela lisura, então eu creio que essas indústria ai, já nos prejudicaram muito! Só as lavagem desses navios ai, já é uma contaminação, uma poluição muito grande!”

Domingos Teles de Assunção



Balsa de cargas trafegando no furo da Ilha do Capim

A gente não pensa só na gente, pensa no coletivo. Se aqui tivesse oficina para o jovem aprender, adolescente aprender a fazer móvel, se tivesse padaria, tanta coisa através da energia que chegasse, podia o povo estudar e trabalhar aqui mesmo, porque pra viver não precisava ir para longe daqui, mas nunca tem isso aqui, quando aparece é como essa para o outro lado da ilha, que vendem a terra e está pra ser criado um grande projeto lá que não identificou pra ninguém. Quem pode saber o que é, só o governo do estado e o prefeito do município. Pro povo aqui contam uma coisa hoje, amanhã outra, depois de amanhã outra. E nisso aí vai trabalhar muitas empresas porque as empresas menores trabalham com as empresas maiores. Então o cara que contratar pra vim trabalhar ai logo dizem pra ele ‘olha tu não vai falar para o que é, tu vai só trabalhar, não vai falar o que vai acontecer lá.”

Manoel José Pereira Azevedo

Tentativa das empresas em transformar a ilha em terminal portuário

Um dia chegou um cara em casa, faz dois anos isso, com a seguinte proposta: ‘olha eu quero que tu me venda um terço dessa ilha e não te preocupa com dinheiro, não te preocupa com valor, pede. Isso não é nenhum problema’. Naquele momento se eu pedisse 2 milhões, era de menos isso (...). Era um representante da empresa legal, estava pra fazer o negócio e me pagar se fosse possível na hora. A princípio, queria fazer um depósito de soja e milho e depois a empresa teria outros fins. Aí no complexo Albras os tanques de resíduos estão já chegando no limite, e que uma ilha dessa teria muita dificuldade, então seria ótimo pra armazenar aqui os resíduos, resíduos químicos. Eu disse, ‘não posso fazer isso

porque, eu tenho necessidade de dinheiro, a minha família, a companheirada, mas eu jamais vou fazer um negócio desse, porque cedo ou tarde a Polícia Federal vai chagar comigo, porque esse projeto de assentamento também está ligado ao Ministério Público Federal diretamente porque é área da união. Ai eles entraram lá, o assentamento lá é Santo Afonso, é ilha do Santo Afonso doutro lado de lá, não é Capim. Eles criaram asa né, a organização lá foi fraca, não tiveram pulso de ir no Ministério Público fazer documentos. (...) Eles estão comprando o uso só, vão criando asa, no sentido de montar estrutura, depois de ter montado uma estrutura dessas, eles tipo assim, como acabei de dizer, vão criando asa, pra dizer pro governo que a mata não estava sendo usada e que estão fazendo empreendimento pro desenvolvimento, e por ai vai.

Amir Pereira Azevedo



Cliente: Odebrecht TransPort
Obra: Terminal Flúvio Marítimo
Local: Ilha do Capim - Pará

Escopo do Projeto:

- Projeto conceitual de engenharia;
- Planilhas de investimentos (CAPEX);
- Projeto 3D (maquete eletrônica).

Disciplinas: Arquitetura e mecânica

Maquete do Terminal fluvio marítimo na Ilha do Capim. Fonte: MPS PROJETOS INDUSTRIAIS LTDA - Todos os Direitos Reservados. Disponível em <http://www.mpsprojetos.com.br/br/portfolio/terminal-fluvio-maritimo/33/>

Lá é um mistério, toda vez que tu vai perguntar o nome da empresa, ninguém sabe, até os trabalhadores não sabem o nome da empresa; chega lá tá os vigia ninguém sabe dizer de nada, são pessoas, tipo assim, estão como clandestino. E qual foi o motivo deles terem entrado lá? É que quando foi feito o assentamento lá, um cidadão tinha umas cabeças de gado e disse que não queria entrar no projeto e delimitou a área dele, chamava de área dele. Aí quando chegou uma pessoa pra comprar ele vendeu, não estava dentro do assentamento, ele vendeu. E hoje tá nessa situação: já desmataram um campo enormíssimo, já tomaram terra de um bocado de gente ai. E nós sabemos, entraram nas terras quilombola de uma outra comunidade lá, reconhecida pelo ITERPA. Ai hoje a situação ai defronte é uma luta né, porque eles veem contando que vão empregar! Há seis meses atrás veio um empresa, pra fazer um diagnóstico, veio de São Paulo. Andou em várias casa ai, e era um projeto dessa construtora, da Odebrecht, e eles queriam colocar um cargueiro aqui no meio, aqui no meio furo do Capim, estacionamento dum grande navio. Trouxeram até imagem assim, aonde no lado desse navio, iam ficar as balsas, para as balsas chegarem e passar a soja e ele passar pra outro navio. Ficaria tipo assim, um cargueiro que serviria pra armazenar, aqui no furo. (...) É por causa da maresia, porque faz pouca maresia e ai, eles queriam comprar, até comprar tudo, tipo assim iludindo: 10 por 30 dá 300 mil, 400 mil, eles não falam em pouco dinheiro. (...) Agora, quatro meses atrás, ele me ligou, dessa empresa que tava fazendo o diagnóstico, ele disse 'Amir eu quero que tu desavise a comunidade que nós não estamos interessados mais, daqui pra frente nós vamos comprar o de Pontas de Pedra, no Malato, ai defronte e... a gente não interessa mais porque essa área lá, nossa, é uma área melhor que essa uma daí do Capim'. E o que a gente já tá sabendo é que esses ribeirinhos de lá da beira, todo estão vazando, alguns dão 30, 40 mil, mandam embora e tão deixando a área livre pra eles fazerem segundo o que tão desejando. A gente sabe que esse pessoal deseja muito de fazer os depósitos né, é muito fácil coloca lá o navio e vem descarregar ai, deposito de resíduo. A gente tem toda certeza que isso não é pra desenvolver nada."

Amir Pereira Azevedo

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

A gente viu a proposta que o cara colocou lá, o chefão, que é pra melhorar a vida do povo, esse projeto aqui. A gente nunca viu um projeto que venha beneficiar esse ribeirão aqui, esse pequeno. Vê como é a situação que esse pescador está vivendo aqui? Não tem nada, não tem estudo pra pegar emprego nas empresas. E a outra coisa, eles estão querendo as pessoas mais de fora do que as pessoas daqui mesmo pra empregar, e aí esse povo que vivia da pesca hoje larga, não tem mais. Teve acidente agora, prejudicou mais e hoje se for implantado essa outra empresa aqui, a preocupação vai ser muito grande pra vida dos pescadores! A gente já tá prejudicado com esse porto aí. E tanto porto que já tem aí na Albras, com mais esse a preocupação cresce. E tá pra ser instalado mais um porto aí no Marajó.

Domingos Teles de Assunção presidente da Associação Extrativista PAE Santo Antônio II



Mais ou menos são essas situações que nós estamos vivendo nesta ilha. É uma ilha bonita, uma ilha estratégica pro nosso Estado, estamos aqui no Baixo Tocantins é, é objeto de especulação das grandes empresas quererem esta ilha, porque aqui poderia ser objeto de empresário, grandes empresas fazer grandes negócios. É uma ilha que também pode ser trabalhado o turismo né, com muito capital, mas se chegarmos a isso, vamos saber que todos nós vamos ter que sair daqui da ilha, porque nós não temos mão de obra qualificada pra ficar, já foi feito tudo tipo de oferta pra nós deixar as empresas entrarem. Dizem, 'pra todo mundo vai ter trabalho', só que nós não temos essa mão de obra qualificada, por isso não interessa às empresas né, teria que vim de fora, as pessoas pra trabalhar pra cá. Então, essa é uma das pouca ou grande realidade da nossa ilha. É uma ilha bonita, mas que também tem uma organização, isto é importante dizer, nós temos uma organização aqui, temos as CEBS que são as Comunidades Eclesiais de Base, temos uma entidade, uma associação que está na altura das lideranças defendendo essa ilha, e deste de 2005, não foi diferente tanto a igreja, como a associação criada aqui. Esse empreendimento, nós fomos tendo isso como resistência. Se hoje estamos aqui, foi por causa da nossa resistência, até a ponto de algumas lideranças serem ameaçada de morte, e hoje não é à toa que nós estamos aqui, com o nosso nome, com a nossa identidade, com a nossa cultura, tentando continuar a nossa vida."

Amir Pereira Azevedo



A cartografia social da Ilha do Capim



Elaboração da cartografia da Ilha do Capim. Setembro de 2016

Aqui tem uma legenda que, que tá o nome comprovando essas localidades. O que a gente quer disso aqui, nós fizemos isso aqui e estamos nós com a parte de apresentação, da área Carátateua aonde tem essa diversidade. Nessa comunidade, que a gente quer dizer, que é como qualquer ilha que tem as suas dificuldades, os seus desafios, a nossa também não é diferente, no sentido de que, nós temos grandes desafios na área social, na área econômica.

Nós viemos de um movimento social, momento muito difícil, porque nós tivemos uma dificuldade no movimento que nós nos dividimos, houve uma situação que nós nos dividimos enquanto movimento social. Foi criado dois MORIVA, estávamos treze associações ligada num só MORIVA, aí houve uma situação lá desagradável no movimento. O pessoal que estava em linha de frente foi dividido, ficou o MORIVA antigo, coordenado pela Comissão Pastoral da Terra, que nós somos ligado, e a outra parte criaram um chamado MORIPA, Movimentos dos Ribeirinhos do Pará, e o nosso, o Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas de várzea das Ilhas de Abaetetuba. Isso nos enfraqueceu muito, tanto que as coisas que nós vínhamos fazendo em conjunto, a luta em conjunto pra trazer os benefícios, o projeto de reforma agrária do INCRA, hoje não tem mais, o que tem é muito pouco e, nós perdemos uma certa força.”

Amir Pereira Azevedo

A gente vai falar sobre o setor Marintuba, geograficamente localizado na região norte da ilha. Aqui nós temos a baía, o igarapé, aqui representamos a área de várzea. Essas árvores estão representando todas as frutíferas como açaí, o cupuaçu, o cacau e as essências florestais como andiroba, ucuúba e alguns cultivos de meio de produção, como por exemplo, o apiário. E aqui é a área da terra firme, então é aqui a subida da terra firme que nós colocamos isso aqui pra simbolizar a subida da terra firme: tem algumas casas e a vegetação que muda um pouco. E aqui já vai identificar outras essências como o acapu, o visgueiro. E aqui nós temos outras atividades que contribuem no fluxograma de renda, como por exemplo, sede de festa, e temos também a suinocultura.”

Dadberto Azevedo



Participantes comentam a situação socioambiental da Ilha do Capim durante a oficina de mapeamento, no prédio do centro comunitário Santo Antônio. Setembro de 2016

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

|| Nós desenhamos na legenda, o igarapé Marintuba, um franguinho pra dizer que é o aviário, a abelha que é o apiário, essa representação de notas musicais é a sede de festa São Jorge, a criação de suínos, a vegetação de terra firme e a vegetação da várzea, as moradias que representa a ponte, os animais silvestres e arena de futebol. A gente também tem um problema, que é a questão da consciencia ambiental, que as pessoas estão perdendo ultimamente, aqui eu desenhei as cutias. A gente tem a reserva ambiental, porem não tem, quer dizer, as pessoas não entendem como ela funciona, então elas entram e matam os animais e por conta disso, algumas espécies já sumiram, eu mesma nunca vi um tatu na minha vida, então as pessoas deviam ter mais consciencia de preservar mais.”

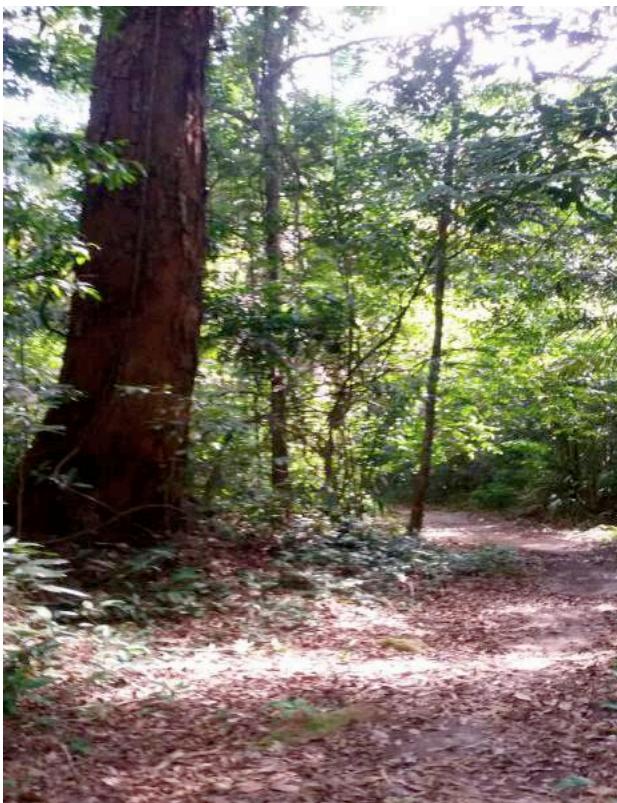
Letícia Santos

|| E pra sustentar isso, nós criamos aqui dentro do nosso empreendimento, da nossa ilha, criamos a reserva, e isso veio dar muito mais força pra nós, porque a partir daí, o INCRA, o SPU, o IBAMA, o Ministério Público Federal e a SEMA, todos esses órgãos, nos deram apoio, porque estão vendo que nós estamos na condição de colaboração com esse Meio Ambiente, então essa é uma visão assim, um pouco da nossa realidade.”

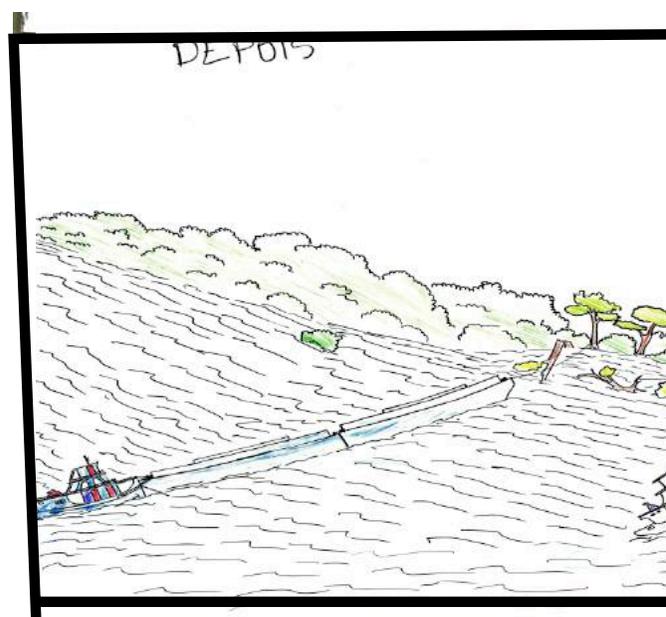
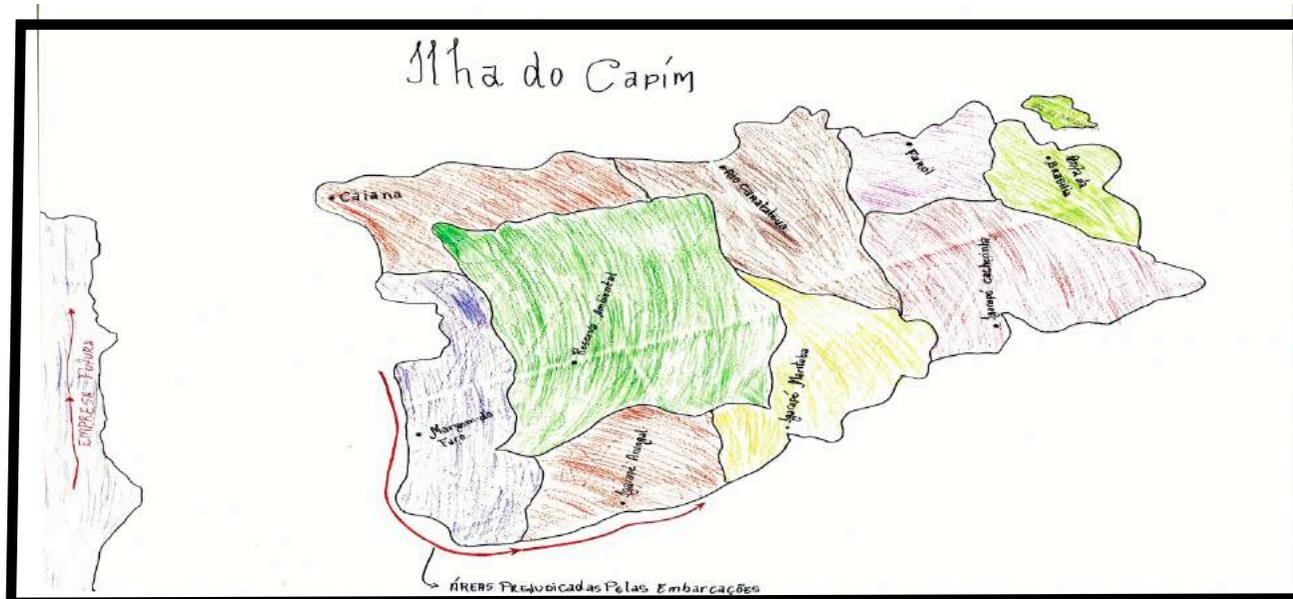
Amir Pereira Azevedo



Amir Pereira Azevedo, Suely Solano e Lauriana Solano apresentam o croqui do setor Caiana, na Ilha do Capim. Setembro de 2016.



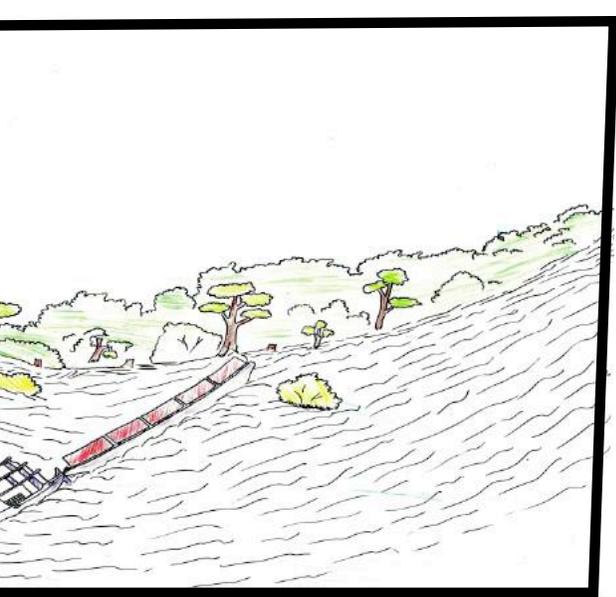
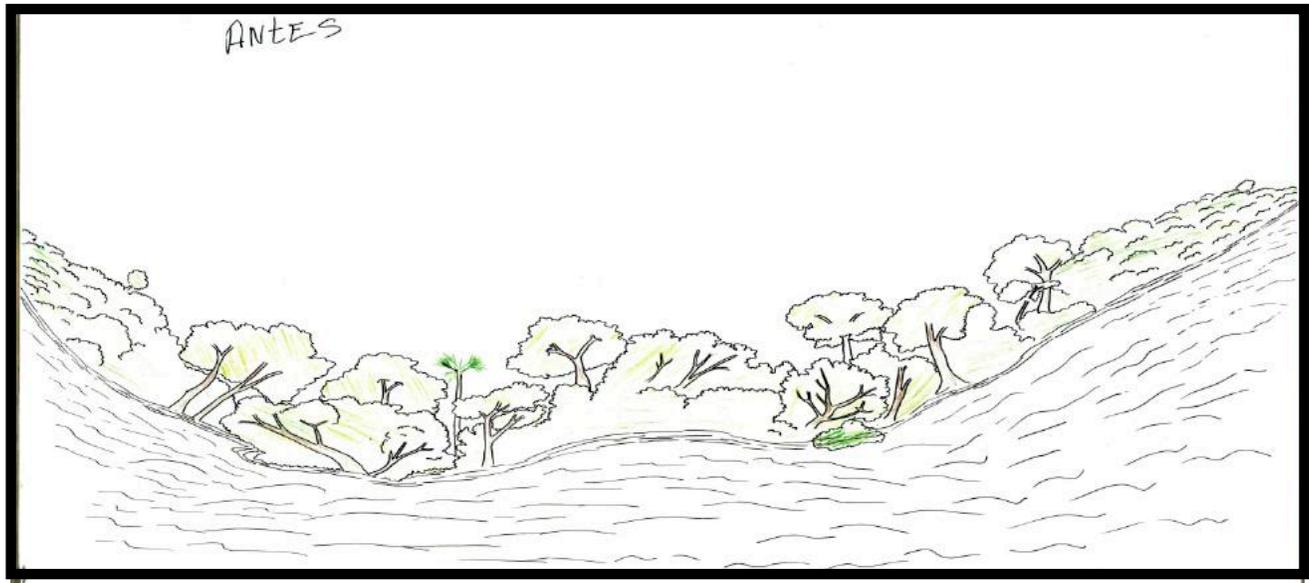
Vista parcial de dois trechos da Resex, inicialmente delimitada pelos moradores como forma de resistencia à venda da ilha para empresários. Setembro de 2016.



Croquis produzidos pelos moradores, apresentando
oficinas de mapeamento no PAE Santo Antonio

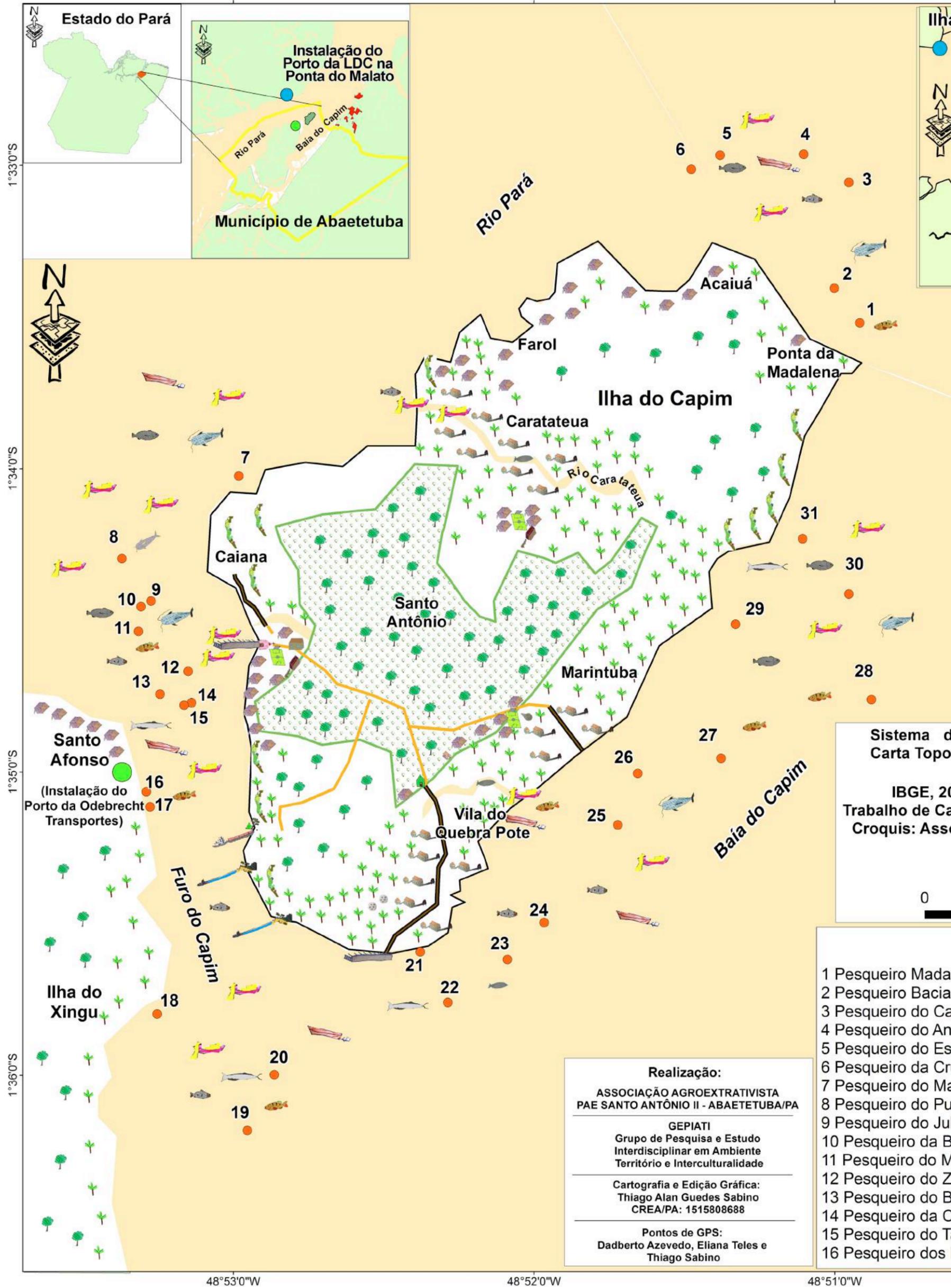
RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins



do os recursos e os impactos ambientais durante
II, da Ilha do Capim. Maio e setembro de 2016.

Mapa da Ilha do Capim, Abaetetuba-PA



Ilha do Capim frente aos projetos logísticos e industriais no Baixo Tocantins



Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
 Sistema de Referência Geográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS, 2000

Fonte:
 IBAMA, 2007/ ANA, 2008/ ANA, 2010/PARÁ, 2013
 Oficina de Cartografia Social em 2016 e
 Associação Agroextrativista PAE Santo Antônio II
 Data: 22/02/2017

Escala: 1: 10.000
 0,325 0,65 1,3 1,95 Km

Pesqueiros

Barcarena	17 Pesqueiro do Rebujo
Barcarena	18 Pesqueiro do Pato
Barcarena	19 Pesqueiro da Crua Grande
Barcarena	20 Pesqueiro do Furo
Barcarena	21 Pesqueiro da Rama
Barcarena	22 Pesqueiro do Quebra Pote II
Barcarena	23 Pesqueiro do Quebra Pote
Barcarena	24 Pesqueiro do Cavalão Marinho
Barcarena	25 Pesqueiro do Mariintuba
Barcarena	26 Pesqueiro da Capina
Barcarena	27 Pesqueiro do Rebujo
Barcarena	28 Pesqueiro do Beco do Barro
Barcarena	29 Pesqueiro da Pedra da Caxirinha
Barcarena	30 Pesqueiro da Caxirinha II
Barcarena	31 Pesqueiro da Caxirinha

48°50'0"W

Legenda

Sistema de produção agroecológica

- Área de Açaizal
- Vegetação nativa
- Reserva Ecológica
- Criação de abelhas
- Criação de galinha
- Criação de porcos

Áreas de uso da pesca artesanal e recursos pesqueiros

- Área de pesca
- Dourada
- Filhote
- Mapará
- Matupiri
- Pescada Branca
- Sarda
- Tucunaré
- Pesqueiros (Áreas de uso da pesca)

Espaços Sociais

- Casas em Terra Firme
- Igreja Católica
- Casas em Várzea
- Igreja Evangélica (Assembléia de Deus)
- Escola Fundamental
- Trapiches
- Casas de festa e Bares
- Campo de Futebol
- Caminhos de chão
- Área da Reserva Ecológica
- Estivas

Impactos Socioambientais

- Balsas transportando carretas (Bertolini, Sanave, Navegação Passarão, e outros)
- Balsas transportando soja (UNITAPAJÓS, ADM, Hidrovias do Brasil)
- Piratas
- Pesqueiros (Impactos nos territórios da pesca)
- Instalação de um Porto da Odebrecht
- Transportes na Ilha do Xingu, em Abaetetuba
- Instalação de um Porto da Louis Dreyfus
- Commodities (LDC) na Ponta do Malato no município de Ponta de Pedras
- Portos de Barcarena
- Ilha do Capim
- Indústrias de Barcarena
- Abaetetuba
- Hidrografia
- Estado do Pará

Apoio:



|| A nossa realidade aqui, nós trabalhamos muito com açaí e pesca, mas por enquanto a pesca tá escassa. De primeiro a gente ia pescar, a gente pegava quantidade de peixe, hoje já nem tem mais certas qualidades de peixe no nosso furo, na nossa baía. O camarão também, que a gente pegava grande quantidade, hoje também já é escasso, tem vez que a gente coloca, pega, tem vez que a gente pega dois, três num matapi, então essa a nossa realidade né. De primeiro nós tinha com abundancia, hoje nós já tem pouco, por causa dessas empresas, depois que essas empresas se instalaram ai no nosso meio, muitas coisas já foram se acabando, eu por exemplo, conheço a mais de seis qualidades de peixe que hoje nós já não temos aqui que nós tinha antes. Que eu me lembro é o peixe *facão*, o *peixe galinha*, o *mandubé-açú*, *piracatinga*, *caratipioca* é bem difícil a gente encontrar, o *arirí* também que a gente tinha hoje já não tem mais. Então, são vários peixes, tem outros que a gente pegava com abundância que já tem escasso, bem difícil a gente encontrar, é a pescada.”

Enedina Rosa Vasconcelos



“A escassez, chegou junto com o progresso”

|| Há 80 anos atrás aqui na Ilha do Capim nós nós não tínhamos o risco da pirataria, aonde economicamente a população vivia tranquila, aonde tinha o camarão, aonde tinha o peixe. Tinha muita coisa pra sobrevivência do nosso povo, hoje chegou a escassez, chegou a escassez juntamente com o progresso. Esse progresso entre aspas que não dá felicidade pra ninguém, e nós somos vitimados hoje por essa situação do progresso aonde está acontecendo a grande perseguição das grandes empresas que já quiseram muitas vezes comprar essa ilha e tipo assim, mandar essas pessoas daqui, expulsar essas pessoas daqui, sem nenhum direito.”

Amir Pereira Azevedo

|| Vocês acreditam que agora eu pesco com vinte matapi, não dá um quilo de camarão. Com vinte matapi tem dias que pega um quilo, quilo e meio, tem dias que não dá meio quilo. Então eu acho que é tudo disso ai. É seca de fruta é falta de peixe, é falta de camarão, camarão principalmente, eu não sei o motivo que foi isso, porque dantes e dantes não acontecia isso. Tem noite que eu saio daqui meia noite, uma hora da madrugada, botando rede pelo mangal, bico de pedra e banzeiro ai até pro fundo já cheguei a ir. (...) A gente amarrava espinhel do galho do pau pra fora de cipó, eu juro pra vocês, meu pai amarrava anzol no cipó pra nós, nós iscava, e eu duvidava de manhã nós pegava três, quatro peixe naquele anzol, agora minhas irmãs pra você pegar um filhote você gasta mais de vinte quilo de isca. Todo dia você tem que lutar, pescar com rede pra você conseguir iscar o espinhel, passa dois, três,

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

|| quatro dias sem você pegar um peixe. Tá fazendo um mês e pouco que eu não sei o que é vender um quilo de camarão, e tempos atrás toda maré eu vendia! (...). Toda semana, todo sábado a gente tava no Conde mandando, todo sábado, mas agora faz mais de meses que eu não vendo nenhum quilo de camarão.”

Maria das Graças Ribeiro Neves

|| Pra nós que vivemos aqui até agora, o açaí não tem secado, mas pra cá, que tem uma vizinha nossa, (...) ela tem perdido muito açaí, seca muito o açaí dela e cai muito da árvore. Dizem que é problema daí dessa empresa, poluição, muita fumaça, no caso, as primeiras fumaças é eles que inalam, porque eles moram bem lá de frente, enxerga tudinho daí.”

Orlanda dos Reis Martins

|| Aqui muitos moradores já sofreram tudo esse tipo de sorte de oferta pra comprarem e por muitos milhões e depois nós fomos sabendo que queriam se aproveitar da nossa ilha, pra depois mandar todo mundo daqui. na época, o responsável da empresa disse que queria simplesmente comprar essa ilha, pra fazer depósitos de tanque de resíduos, e esta ilha seria ótima, porque as fiscalizações pra atravessar pra cá teria um custo maior, então como ela está fora, está localizada fora, aqui seria ótimo está ilha.”

Amir Pereira Azevedo



Maria das Graças Ribeiro Neves comenta os problemas que enfrenta na pesca e no cultivo dos frutos.

|| Eu me sinto prejudicada, não só eu: todos nós aqui dessa parte. Sobre as plantaçoão, que começa através das empresas, porque eu sendo nascida e criada com 66 anos, não me afastando daqui pra morar fora de lugar nenhum, só aqui dentro dessa ilha, tenho um filho de 46 anos nascido e criado nessa ilha, pescando de rede de espinhel, de matapi e, também, tendo sua pontinha de açaí, e de cada uma coisa dessa a gente faz um pouco né, ganha um pouquinho, quando não dá de um lado a gente procura fazer de outro. Só que a nossa prejudicaçoão está sendo mais de um ano para o outro, porque quando eu comecei a criar os meus filhos não existia essas empresas, não existia o que tá existindo sabe? Porque nós tinha nossos cajuais, que nós tinha aqui laranja, limão, tudo quanto é fruta, goiabeiras fedida debaixo das árvores, caju, minha irmãs, essas arvores aqui, a gente não podia pisar, os porcos não venciam, o povo não vencia, era ajuntado pra jogar pra dentro do mato! Agora nós estamos com prejuízo muito grande sobre as nossas fruteiras. Caju não deu mais como dava, você olha eles tão carregado de flores como tem lá pela metade, os limoeiro não existe mais, morreram todo. Ainda tenho umas arvores ali sêca. (...) O maior prejuízo nós estamos tendo no açaí! Se vocês verem

como tá debaixo! Dizem que alguém bateu, sacudiu né, através da onde? Através das empresas! Tem dias, quando o vento trabalha de lá, vocês percebem: dá coceira no nariz da pessoa! Vocês percebem aquele cheiro, àquela fortidão que vem de lá viu? Então, aquilo sempre acontece (...). O cacho começa a cair desde que abre a espada. Um prejuízo muito grande! (...) Eu me queixo muito assim, porque pra mim que eu conheci antes dessas empresas, tudo era normal, as fruteira, açaí, laranjeira. Nós tinha umas laranjeira ai abeirando que a senhora gostava de ver que só dava em peso, mas minha senhora parece que jogaram um veneno! Morreu todinha as laranjeira, os limoeiro. Ai pra inteirar de tudo, a água

só vem tirando. Foi, que jogou essa parte ai embaixo, ai acabou as laranjeira tudinho e as frutas que nós temos só é mesmo o açaizal, algumas mangueira e alguns limoeiro que nós já trocamos pra outros lugares, porque aqui a frente não prestou mais pra fruteira nenhuma!”

Maria das Graças Ribeiro Neves.

“A fumaça dá tipo um cheiro da quiboa, devido o caulim, soda cáustica e a bauxita.”

Adrielson Monteiro

Esses peixes já estão em extinção! Porque você pode imaginar o quanto um navio desse nem só prejudica no fato de tá escorado, mas como pela soada que eles, aqueles grandes empurradores fazem dentro dum rio desse sim, se você colocasse eu acho um aparelho, um microfone lá no fundo, você iria saber o quanta zoada. Se você mergulhar na beira você escuta esses navios, esses empurradores assim zoarem lá fora, então com isso também, nem só prejudica o pescador pescar, mas como em outras áreas que ele vai pescar próximo não tem nada por causa da zoada. Essas grandes balsas esses grandes tanques ai, eles são lavados também ai dentro do rio porque ele vejam aquela correnteza e dizem “ah isso não vai encosta pro pescador”. Que nada, ele vai encostar sim! Isso ai seria problema dos maiores dos nossos pescadores. E uma outra coisa é assim, aqui na nossa ilha era um lugar muito farto de caça, na nossa ilha, mesmo nós tendo uma reserva hoje mas, o pescador está vindo da baía, da pesca sem nada e tá começando atacar as caças porque ele não tem como sobreviver, ele tá buscando também esse sustento né em terra. Isso ai quer dizer, nós vamos entrar em outro impacto novamente a comunidade né, sem contar outros problemas de meio ambiente que são prejudicial como lixo jogado desses navios. Certos dias na baía jogam milheiros de sacolas de lixo, sacolão que a gente chama. Não é uma sacola dessas de supermercado são sacolão, e ai, assim que estoura né, vai destruindo. Hoje o pescador coloca a rede dele ai, o espinhel ai vem de palmo a palmo, vem uma sacola porque no fundo do rio está cheio de sacola. Isso ai nem só mata os peixes, porque uma sacola dessa o peixe pode entrar nela e mata, como também afugenta. (...) Essas coisas assim temos conscientemente sabendo, que vem diretamente com isso, com o progresso. Ele traz isso ai né, o progresso deles pra nós seria isso. O nosso progresso é pescar, comer o nosso peixe, viver bem com a nossa família, morar né, desfrutar da nossa região que nós nascemos e estamos vivendo. Pra eles o progresso é tecnologia, são fabricas, essas coisas que vem de encontro com o nosso né. E ai o deles, como é mais forte vem prejudica o nosso.”

Arminho Soares Azevedo



Os impactos nos Pesqueiros

Na minha região tem pesqueiro, acho que quinhentos metros longe da costa, tem outros mais próximos. Tem pesqueiro até do lado do mato, mas tem pesqueiro, por exemplo, a *crua*, o *rodrigo*, a *boia*, a *capinal*, a *rama*, o *cavalo marinho*, são pesqueiros que estão próximos da ilha. Mas tem pesqueiros fora também, como o *cururu*, outros pra lá, que eu não sei o nome, ficam lá na ponta da ilha. Então são pesqueiros que não sei a distância assim, os pesqueiros vão ser extintos a maioria dos pesqueiros: a *boia*, o *julho*, o *rodrigo*, a *rama*, esses pesqueiros vão ser extinto. Pelo que a gente sabe do projeto, eles vão ser extinto, e 40% da população da nossa ilha tá ligada a esses pesqueiros ai. Eu não sei como vai se dar daí pra frente com esses pescadores né, porque eles vão ter muita dificuldade, e eu conto com a ajuda de outros companheiros através da organização, que pescador não pode deixar pescador morrer de fome, mas que vão ser extinto vão. Esses pesqueiros ai na margem do furo vão ser extinto. (...) Como foi colocado aqueles pinos lá, então o pescador não pode mais, (...) ele perde onde a maior parte o peixe. Tem pescador aqui como já está isso aqui, entrando no furo onde está a *crua*, o *rodrigo*, a *boia*, o *julio*. Quer dizer que esses pesqueiros quando for ocupado, vai ser feito um grande trapiche, e vai ser estourado com dinamite que aqui no meio desse rio é tudo pedra, os buracos tão tudo pronto já no fundo, tem alguém que tem câmara, que vê todo o peixe que tá passando nesse rio. Então os buracos estão todos prontos em todas as pedras. Uma empresa passou ai uns três meses fazendo os buracos né, tecendo ai tem o tubo que tá tampado que não entra nada, quando for na hora de estourar mete tantos quilos de dinamite lá, detona, ele vai destruir ai a região das pedras todinho que é justamente pro navio entrar e atracar bem nesse furo. Ai vai morrer muito pescador mesmo! Porque ainda tem mais uma, se pudesse imaginar que seria só o povo dessa ilha aqui, não! Aqui tem do Vilar, tem do Açacu, tem do Urubueua, tem do São José, tem do Xingu, tem do Caripetuba, tem do Guajará de Beja, tem da Vila de Beja. Esse pessoal todo pescam aqui dentro desse rio aqui, e isso ai tá acabando com os pescadores, se realmente acontecer um projeto desse ai, vai ser um impacto enormíssimo.”

Arminho Soares Azevedo

A *crua do furo*, onde essas balsas tão bem próximas lá, é um pesqueiro bom, é uma *crua* de pedra que sai fora, é uma pedra grande ela sai fora do mato longe, lá é muito bom pra peixe descendo dela, fundura vai pegando de duas brasas, três brasas, quatro brasas de fundura, perto dela tudo é bom pra pegar peixe, colocar a rede vem cheio de pescadinha, mapará. Escapou de lá não pega mais nada, tem que ser lá porque a água é parada, a pedra estanca a correnteza, fica parada [...] esse pesqueiro lá, essa *crua* é muito bom, dá muito pescador lá, dali do Xingu, são José, esses lado ai, e as balsas tão bem próximo lá, bem pertinho dele elas tão de lá, e o barulho faz o peixe sair. O pessoal de lá já reclamaram lá dessa balsa lá perto, Logo, quando eles começaram a ficar ai, eles ainda não tinha conhecimento do pescador e tal, eles ameaçavam com arma, os seguranças pra não passar perto, correu risco ai de atirarem no pescador, de ameaçar feio pensando que é pirata, mas eles não conheciam. Agora eles já sabem, eles não corre mais este risco, mas o barulho que estraga!

Manoel de Nazaré Soares Pereira



Pescadores no furo e baía do Capim.



Barco de pesca aguardando a volta para a baía.



Preparo do peixe para a refeição.

Cada um tem uma paixão por um peixeiro. Tem um compadre meu que ele chora por causa de um peixeiro, tem um outro, diz ‘ah, não, eu não gosto desse, eu gosto mais do outro, por que a pescada é maior’. É muita coisa, é muita história. (...) Eu penso assim, que não é só o peixe que vai ser extinto, vai ser extinto a vida, vai ser extinto as pessoas, porque muitos que não vão ter mais o que fazer, se é a pesca que ele faz que traz o alimento pra família dele e não vai ter, se lá ele tira um pouco vende, ou troca. Às vezes a pessoa, aqui acontece muito, traz um peixe de fora, ele não tem na casa dele a farinha, aí ‘fulano eu tenho a farinha, tu troca comigo o peixe’. Existe ainda isso aqui, troca o peixe por farinha, por exemplo, ou então o peixe com o frango, mas se não tem esse peixe pra trocar ele vai se sentir inútil, daqui com o tempo ele vai sair daqui procurando, imaginando que ele vai achar noutra lugar, que ele não vai achar porque não tem, porque todo lugar tá cheio né, a população aumentou muito. Então eu acredito que se acontecer isso porque tá previsto, tá tudo no papel, só falta mesmo ser aprovada e trazerem para aí, vai ser extinto as pessoas, vai ser extinto os moradores.”

Deusa Maria Pereira Azevedo

A gente vê, aqui no furo, tem um peixeiro chamado Rodrigo, esse peixeiro tira sustento de muita família e hoje a gente vê, se essa empresa for implantada ai, quando vir a plataforma fazendo perfuração, tudo lá, o cais que vai ser feito, o trapiche, fiquei pensando: que será agora desse povo longe da família, que vem buscar seu peixe duas horas, quatro horas da tarde, que vai pegar sua isca pra iscar seu espinhel? E se essa empresa for implantada vai ter que pescar muito distante do rio, isso deixa a gente muito complicado.”

Domingos Teles de Assunção

Quando me criei junto com meu tio, e quando eu me entendi, muitas qualidades de peixe eu conheci, mas hoje nós não tem. Foram embora! Mas quando eu me entendi era esse *caratipioca*, era o *piranderá*, o *ituí terçado*, *piracatinga*, *curimatá*, *aracu*, sumiu! Graças a Deus, completei sessenta anos, e faz eu acho, uns trinta anos que sumiu, a gente vê muito na cidade que chega nessas barcas ai de cima, mas aqui na nossa região ninguém vê. (...) Mas do ano passado pra cá, mudou, mas Deus defenda! Mudou muito! Você coloca o matapi, você pega, por exemplo, vinte matapi você pegou quase uma rasa de camarão. Ai de tarde você isca, você vai sentar, senta no mesmo lugar, você vai ver a diferença que dá, então vai ter que sentar no outro lugar. Mas se você pula na água, eles só faltam lhe comer, mas não entra no matapi.”

Francisco Marques da Costa

O ‘peixeiro do furo’, a gente pesca lá, esse furo aí do Capim, ele é uma mãe pra muita gente. Agora já tá afundiando ai dois pinos de amarrarem balsas. Já empata para passar lá pra pescar, gente passa lá redado. É o que pega mapará pescada, sarda, dourada, e agora já não passa mais, eles tão lá fundiando, implantado o negócio da boia lá, ai muita gente já sentiu isso. E essa empresa, já saiu uma conversa

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

que eles vão preparar o porto. Lá tem uma pedra que é um pesqueiro, é *chuvisco* que chamam, pesca de linha de mão, o cara vai lá e pega a pescada, a sarda puxa quantidade. Puxava na época! Essa pedra lá, sai um pouco fora do mato, eles vão colocar dinamite lá pra fazer ela afundar. E bem perto dela, assim logo, uma boa distância do mato uns trinta metros pra fora, logo que termina, ela é fundo é cinquenta braça de fundura, ai eles vão destruir ela. Cai braça pro fundo, pra arredar pra cá pra beira para o porto, pra atracar navio, balsa sei lá! Ai vão destruir um lindo pesqueiro que tem lá, pesqueiro do *Caboca* que a gente falava, (...) já pesquei muito lá: sarda e pescada. Isso ai vai atrapalhar muito né a vida dos pescadores, tem muita gente que pescava que tá até pegando outros serviços né, rabeteiros, passar aluno pra escola, passar gente pra cidade, fazer frete, porque essa pesca já tá ficando fraco, já não tá dando pra se manter tá escasso.

Manoel de Nazaré Soares Pereira

O pescador ele se apaixonou pelo pesqueiro dele. Com a extinção desses pesqueiros tem pescador que poderá morrer! Claro que a população também aumentou, quando eu falo dos anos oitenta, não seria toda essa população. Há trinta e poucos anos atrás, a população viria ser muito menos, mas mesmo assim com a população menos, não tinha essas perseguições que seria das grandes empresas. Então eu acho assim que para que se possa adequar é, a própria comunidade pesqueira, os próprios trabalhadores da pesca, nós organizados, nós poderíamos fazer medidas, acordos de pesca. Como hoje, por exemplo, na nossa associação, a gente tem um debate né, que no nosso PU diz que não pode pescar com malheiro menos de trinta e cinco. Quer dizer, vem aquela outar, a rede de vinte, de vinte e cinco, que isso ai seria prejudicial pra gente. Então através de organização nossa de pescadores fazendo acordos de pesca, acho que nós deveríamos organizar nossa pesca, e conseguir né que, também se faz renascer uma coisa através da preservação, porque quando você lancia numa praia com uma rede fina então, eles sabem que essa rede é pesca predatória, então você mata ai um quilo de peixe, e mata cinquenta quilo de levinho, porque passaram na malha da rede. O que se deve fazer? Não lancar com rede na praia, não colocar rede vinte e cinco! Isso ai através de um acordo de pesca nosso, da nossa organização de pescadores, acho que poderia amenizar uns grandes problemas que seria a falta do peixe hoje né, que nem só tá em extinção, como fugindo das grandes poluições das empresas.

Arminho Soares Azevedo

Quadro indicativo dos territórios de pesca e suas especificidades na baía do Capim

Nome dos pesqueiros	Material utilizado	Profundidade	Tipo de maré	Base do pesqueiro	Tipo de Pescado
Cacherinha	Linha e rede de plástico	4 a 5 braças	Preamar e baixa mar	Pedra	Pescada
Cacherinha 02	Espinhel e Rede (arrastão)	9,7, e 12 braças	Preamar e reponta	Barro	Filhote
Seco de Barro	Rede e linha plástica, Malheiro 35,0 e 40,0	2 a 3 braças	Preamar e Baixa mar	Barro	Mapará, Pescada e Sarda
Rebujo	Linha plástica, linha de náilon, Rede				Mapará, Pescada, Sarda e Filhote
Capina	Rede e linha de pesca 35,0 e 30,0	4 a 5 braças, espinhel com 12 braças	Preamar e Baixa mar		Pescada, Sarda e Mapará
Seco do Marintuba	Rede 35,0 e Malheiro 35,0		Preamar, baixa mar e correnteza		Mapará, Sarda
Cavalo Marinho	Espinhel e rede grossa 18,0				Filhote e Dourada
Quebra Pote	Espinhel e rede grossa				Filhote e Dourada
Quebra Pote 02	Espinhel e rede grossa				
Pesqueiro da Rama	Linha de mão e rede	3, 4 e 5 braças			Pescada
Pesqueiro Cruinha	Linha de mão 45,0	4 e 6 braças	Tapecoema	Pedregulho	Pescada, Piaba
Estacamento	Anzol a linha de mão	5 braças	Tapecoema	Areia, Pedra e Barro	Pescada, Piaba

Angélico	Rede, Malheiro 45,0 e 35,0	12 braças	Maré de quarto, na parada	Barro	Mapará e Sarda
Caratiçaua	Linha de mão	6 braças	Vazante, baixa mar	Pedra	Pescada
Bacia	Rede Malheiro 35,0	5 braça	Parada, com pouco movimento	Barro	Sarda
Madalena	Anzol a linha	7 braça	Parada	Pedra	Pescada e Sarda
Mangueirinha	Rede 35,0, 40,0 e 45,0, espinhel	6 braças	Parada da preamar	Pedra	Pescada, Sarda, Mapará e Piaba
Poção	Rede, Linha de mão e Espinhel	5 braças	Parada e força da correnteza	Lama e Pedra	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada
Pesqueiro da Boia	Linha de mão e rede	13 braças	Força da maré e Parada	Barro e pedra	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada
Pesqueiro do julho	Pesca de linha e rede	8 braças	Força da maré e parada	Pedra	Pescada, Sarda, Piaba, Mandubé e Dourada
Pesqueiro do Mundico	Linha de mão e rede 30,0, 35,0, e 45,0	10 braças	Força da maré e parada	Barro e pedra	Pescada, Sarda
Pesqueiro do Zidório	Linha de mão e rede 30,0 e 35,0	7 braças	Força da maré e parada	Pedra	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada e Filhote
Tachí	Linha de mão, espinhel e rede	7 braças	Força da maré, escora, parada	Pedra	Pescada, Sarda, Mandubé, Mapará, Filhote e Dourada
Crua do Furo	Linha de mão rede e espinhel	8 braças	Força da maré, parada, escora	Pedra	Pescada Sarda, Mandubé e Piaba
Berço	Rede pirai beira, malha 72, Malheiro de um palmo	45 braças	Escora	Pedra	Filhote e Piraíba
Pesqueiro Rodrigues	Linha de mão e rede 30,0, 5,0 e 40,0	19 braças	Força da maré e parada	Pedra	Pescada, Sarda e Piaba
Rebujo	Linha de mão e rede 30,0 e 40	8 braças	Força da maré e parada	Pedra	Pescada, Sarda, Piaba e Mandubé
Pesqueiro do Pato	Linha de mão e rede	7 braças	Força da maré, parada e bubuia	Barro	Pescada e Mapará
Crua Grande	Linha de mão, rede, rede Pirai beira	40 braças	Força da maré, parada, escora	Barro e pedra	Pescada, Sarda, Mapará, Mandubé, Piaba e Piraíba
Furo	Rede 40,0 e 45,0 e espinhel	45 braças	Força da correnteza (bubua)	Barro, pedra (tudo misturado)	Sarda Pescada, Mapará e Filhote

Estratégias de vivência e preservação dos recursos: a pesca e o Sistema de Produção Agroecológica

Todas essas famílias aqui, tanto as de várzea como as de terra firme, elas cultivam o açaí, que é o principal, mas também cultivam animais silvestres como a cutia, a paca, o veado, a mucura. Então tudo isso aqui tem grande importância porque essas famílias elas se mantêm dessas atividades, daí que elas sobrevivem, tanto da agricultura e da pecuária - no caso aqui, a pesqueira artesanal -, quanto a pecuária animal, o suíno. A agricultura, como as árvores e criação de abelhas. Sobre os problemas, nós podemos colocar que está havendo o sumiço de algumas espécies. Aqui a gente não desenhava o peixe no rio, mas ainda tem algumas espécies. Um outro problema é a questão da monocultura. É importante colocar isso porque se você for ver, essa paisagem aqui, ela é quase toda tomada por açaí, então isso já começa a tomar alguns prejuízos. Um deles seria a destruição da mata ciliar.

Aqui, a destruição da mata ciliar vai assorear os sólidos que vão descer pra margem do rio e aí vai começar tapar aqui os igarapés né? Quando esses sólidos descem pros rios eles formam alguns micro-organismos no leito do rio, e esses micro-organismos competem com os peixes pelo oxigênio. Então a tendência é fazer com os peixes se afastem. Então nós temos o problema do assoreamento e também a questão da sazonalidade, porque quando a gente trabalha só uma cultura, que é o açaí, ele causa uma dependência econômica. Lá pelo mês de setembro, outubro e novembro, que é o pico da produção, então nesse período, as famílias melhoram economicamente e aí você vai ter uma renda familiar boa. As famílias melhoram economicamente nesse momento, mas depois que o açaí acaba, elas têm uma dificuldade pra se manter, então nós vemos isso como um problema porque não há segurança

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

na renda das famílias. Quando o açaí acaba, elas ficam dependendo basicamente da pesca, algumas pessoas recebem do funcionalismo público. Isso é um problema porque ficam dependentes do açaí, e a monocultura por si só causa problema no solo e também causa a dependência econômica que faz com que elas tenham essa dificuldade.



Extensa área de açaizal em Marintuba, no setor sul da ilha.

Então a gente vê aqui como um problema, seria trabalhar mais a questão ambiental, pra fazer com que as famílias possam diversificar mais as culturas, pra que no momento da sazonalidade, elas não tenham tanta dependência de safra do açaí. E já falando no geral, pra englobar toda a comunidade, acho que outros nossos grandes problemas seriam as políticas públicas. Elas vão ter interferência direta aqui nessa região, porque se nós tivermos a educação ambiental, a gente vai ter reflexo nessa região; a saúde, porque as famílias tem dificuldade, então se nós tivermos saúde de qualidade, vai ter melhora na qualidade de vida; a questão da segurança e, principalmente, o saneamento básico. Porque aqui nessas casas a água potável vem de recursos próprios, não teve uma política do governo pra trazer água encanada e fossas sépticas. Então eu acho que a política pública, para o saneamento básico é importante pra melhorar a qualidade de vida. Na questão da segurança, seria nós termos mais apoio policial, porque as famílias ficam muito vulneráveis, elas nem podem ter um eletrodoméstico de qualidade, sabendo você que pode ser atacado pelo pirata, então isso tira sua privacidade. A gente é privado de coisas que poderiam melhorar nossa qualidade de vida, devido a essa ausência de segurança.”

Dadberto Azevedo

Aqui na Ilha do Capim todos somos matriculados na colônia de pesca, porque nós somos pescadores, e quando chega no mês de novembro, o edital da pesca baixa, aí a pesca pra nós ela é fechada, aí vem 4 meses de salário pra nós receber o nosso seguro. Durante esses 4 meses que a pesca é fechada, novembro a março, a gente fica mantendo com aquele salariozinho dentro desses quatro meses pra sobreviver. Agora a história do local de pesca, ela é devoluta: todo lugar pode chegar e pescar, não existe proibições, só livrar, vamos dizer, 150 metros longe do porto de alguém. (...) Aqui, pra falar a verdade, pelo menos o mapará, tem tempo que a gente já não acha, como agora, já tá mais difícil. É que o mapará, tem uma época, vamos dizer assim, que a sarda, a pescada que é mais fácil. Logo quando a gente chegou aqui, há mais uns anos atrás, a gente saía pra pescar a sarda, a gente puxava até 30 quilo de sarda na linha, na rede, e hoje, você sai pra trazer a boia e só - e quando Deus ajuda -, que já não tem mais esse peixe e parece que sumiu. Ainda agora eu fui pra fora, dei duas redadas, não peguei nenhum; o meu filho Jeremias foi, deu mais uma redada, também não pegou nenhum; de manhã ele foi

e pegou duas sarda pequena. Se fosse no tempo, que era tão mais fácil, duas redadas dava, estava com peixe pra comer e vender. Hoje ficou desse jeito, além que aumentou a população e o peixe também foi de uma maneira que diminuiu, eu digo assim 80%”.

Januário Soares Monteiro



|| Boa tarde a todos. Nós vemos que a família campense, ela depende extremamente e exclusivamente de toda a renda e de toda qualidade da nossa região campense. Não tem aqui um individuo que vá buscar a renda de fora, ou que tenha um vínculo empregatício fora: eles dependem exclusivamente do açaí da região e do peixe, a sua sustentabilidade vem daqui. Mas ultimamente nós temos sentido impactos que outrora, antes que eu existisse, nós não tínhamos. Por exemplo, aqui em Marintuba, na região da beira, nós temos a mata ciliar toda perdida, o desmoronamento das terras, o grande exemplo disso é a região do cemitério que tínhamos nosso entes queridos sepultados, que hoje não temos mais. Foi uma erosão muito grande principalmente ocasionado pelas balsas, com esses impactos por aí e derramamento de

óleo, como já foi dito, lavagem da soja dos porões das balsas em alta intensidade, o que vai provocar inteiramente a exclusão da vida aquática e, tornando principalmente a água imprópria para o consumo. Eu tenho curso na área de análise e fiz um levantamento, vi que a nossa ilha é assolada por parasitose, principalmente a área marcada por várzea, onde os banheiros são a céu aberto e quando a água cresce muito, ela leva. E embora crianças tomando água um pouco mais tratada, elas vão banhar no rio, então ao ter contato com o rio, vão ter contato direto com parasitose, que vai ocasionar um baixo desempenho na educação, levando a outros problemas, como fortes dores e outros e outros, então são impactos que vão contaminando. Vemos que as empresas Albras, Alunorte, que despejam seus resíduos químicos na água deixam também a água imprópria, matando a vida aquática e deixando peixes impróprios para o consumo porque eles vão inalar. Outro problema também é a coceira, que Deus não permita que o povo seja contaminado por cancer de pele, por causa do alto índice de poluição. E embora seja uma ilha muito exuberante com suas riquezas naturais, temos sim, sidos perturbados por impactos tanto do ar quanto das águas e ultimamente dos solos, então nós esperamos, como moradores, que amanhã venha melhorar, que a gente possa fazer alguma coisa pra contribuir na segurança e contribuir de alguma forma pra cuidar das fossas sépticas e a incineração do lixo, pra ter um tratamento específico e que as águas não fiquem poluídas.”

Elias Monteiro

|| A gente tem uma dificuldade muito grande aqui na ilha, é que no sistema de produção. Quer dizer, a matéria orgânica que você desperdiça, não se recicla pra jogar na horta, no caso os dejetos dos animais também. Então se utiliza muito insumos externos e isso fragiliza muito o estabelecimento familiar, porque como ele depende dos insumos externos, ele perde muito do dinheiro que poderia estar ficando pra ele. Nós temos muita dificuldade, por exemplo, esses suínos que a gente cria aqui hoje, são aquelas marcas americanas como o Larjuaite, o Landrax, nós não temos aqui uma marca que venha se adaptar à nossa realidade. E às vezes, alguns agricultores criam frango branco, por exemplo, onde ele vai depender direto de comprar ração no mercado externo. Então essas são dificuldades que a associação tem pensado de trabalhar ao máximo uma produção mais limpa que vá, quer dizer, onde o fluxograma de produção vá se interagir dentro do lote e traga o mínimo possível de fora. É por isso que muitos

RIBEIRINHOS DA ILHA DO CAPIM

Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins

projetos aqui como os PRONAFs, deram muito errado, porque foram pensados numa lógica capitalista, onde não se respeitava as áreas. Por exemplo, aqui em casa, foi cavado um poço pra piscicultura e não deu certo. Primeiro porque não tivemos todo o acompanhamento técnico, mas também porque eles foram pensados numa realidade que não era a nossa. Hoje a assistência técnica já se propõe a ouvir mais o ribeirinho, mesmo porque eles estão dentro de um documento que é a chamada pública, que diz que eles tem que ser extencionistas, quer dizer, eles tem que primeiro ouvir a gente pra depois aplicar a técnica. Então hoje a assistência técnica se propõe a fazer diferente e isso é a nossa esperança de termos um estabelecimento familiar, onde o fluxo de nutrientes possa ficar só aqui dentro, onde a gente possa obter tanto a energia econômica quanto a material. (...) Muitas dessas áreas aqui já estão trabalhando a diversificação, porque hoje nós já temos nove técnicos moradores e filhos da ilha. Então eles vem conversar com as famílias, e elas já começam ver os recursos naturais não como uma mercadoria, mas como uma forma de vida, tendo consciência de que é preciso respeitar esses recursos e isso vai ser de um avanço imenso pra nós.”

Dadberto Azevedo

|| Olhando essa realidade da nossa ilha, como num todo, no meio social ainda falta muita coisa, falta a questão da segurança, que a gente não tem, um posto da polícia aqui na nossa ilha. Temos um começo ali de uma UBS, ainda pro futuro, a questão da educação ainda precisa melhorar muito. Então são diversas necessidade que a gente tem e não são assistida pela parte social, temos a luta, mas ainda não conseguimos, é o objetivo pra que a gente possa viver numa ilha e viver bem.”

Antônio Nazaré Azevedo da Costa

Olhando o futuro

- Energia elétrica: “Nosso pescado muitas vezes é vendido a terceiros; se tivéssemos energia elétrica aqui com certeza estaríamos contribuindo muito com o Município e com o Estado, no sentido de que iríamos melhorar nossa qualidade até de vida. *Amir Pereira Azevedo*
- Fiscalização do IBAMA e Ministério Público na pesca e na deposição de rejeitos por empresas na Vila do Conde e balsas no Furo do Capim.
- Audiência Pública para que seja concedido o direito de consulta, quanto a construção dos portos para transbordo de produtos graneleiros, da empresas Odebrecht e Louis Dreyfus Company-LDC, nas imediações da ilha.
- Sistema de segurança, através de um barco-policia, para inviabilizar a ação dos piratas.
- Saneamento básico, com a construção de fossas sépticas.
- Melhoria no transporte escolar. Crianças das ilhas e localidades próximas atravessam de canoa o furo, às proximidades da baía, para chegarem à escola Padre Pio.

Contato

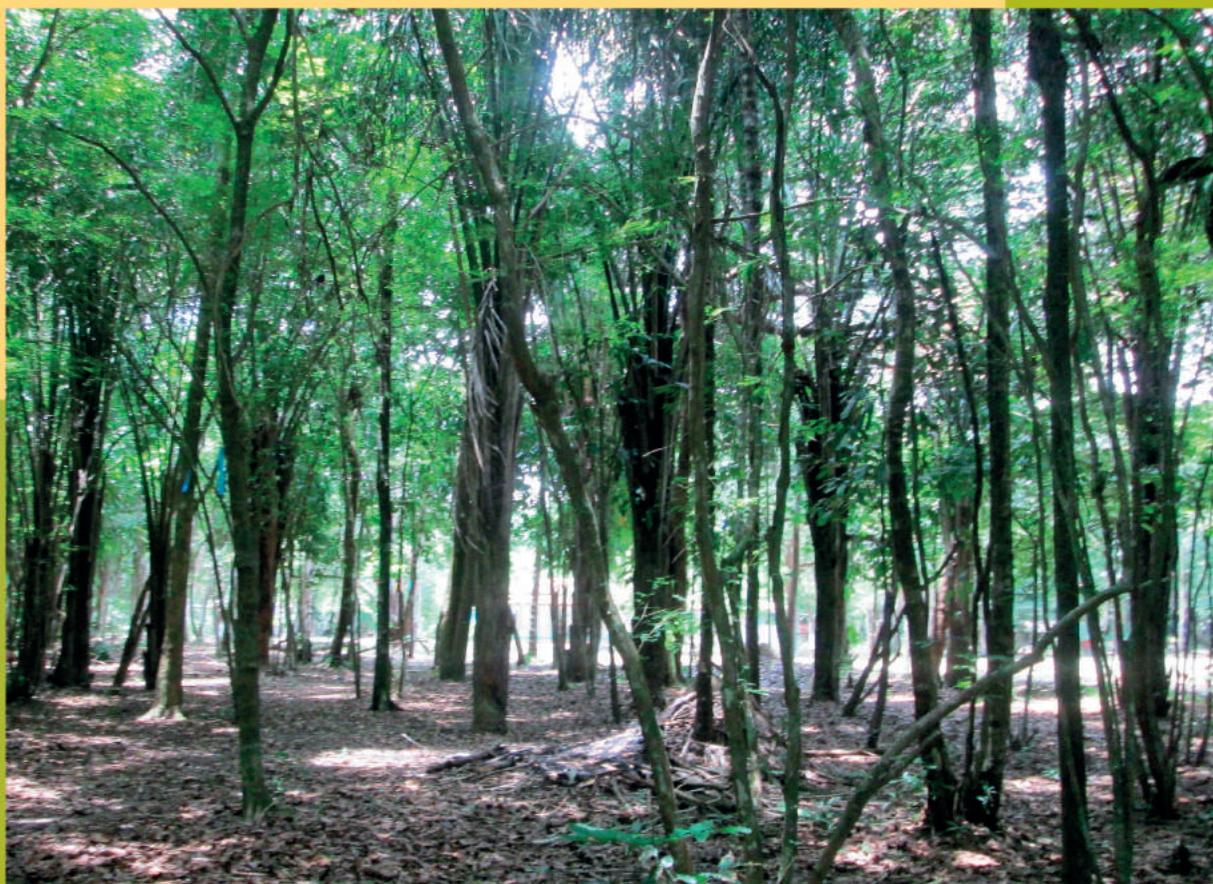
Associação Agroextrativista PAE Santo Antônio II

FONE: 91 99110-9635

BOLETINS

1. Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós - Comunidade Pimental - Trairão e Itaituba • PA
2. La Marina - Barrio, Identidad, Religión y Tradición • Cuba
3. Iroko, El Espíritu de lo Sagrado - Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana • Cuba
4. Cartografía Social de Trindade - A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade - Paraty • RJ
5. Comunidades Quilombolas do Jalapão - Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação • TO
6. Cartografía dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas • MG
7. Entre a Aldeia e a Cidade: O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré-AM.

8. Ribeirinhos da Ilha do Capim frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins



FORDFOUNDATION

